

AMOR. PERDA. LEGADO. REENCONTRO.

# CROSS ROADS

CAMINHOS CRUZADOS

DEVNEY  
PERRY

TOP  
SEL  
LER

• SÉRIE HAVEN RIVER RANCH •

# Capítulo 1

## INDYA

«Chegou à caixa de correio do Grant Keller. Deixe uma mensagem e eu irei ligar-lhe de volta assim que possível. Obrigado.»

O sinal sonoro que se seguiu à voz do meu pai ecoou nas colunas do carro.

— Olá, pai. Só queria dizer-te que consegui. — Bem... quase.

O rumor dos pneus na estrada acompanhava-me estoicamente havia quatro dias. Do Texas ao Montana, eram intermináveis os quilómetros que já contara pelo espelho retrovisor. Faltavam pouco mais de trinta para chegar ao destino.

Só que eu ainda não estava preparada.

Precisava de mais quilómetros.

— Amo-te — acrescentei antes de terminar a chamada.

O GPS emitiu um sinal sonoro, indicando que a saída da autoestrada para o caminho indicado se aproximava. Não precisava das indicações, só as tinha introduzido por força do hábito.

Há muitos anos que não passava naquela estrada, mas conhecia o caminho. E sabia que, assim que chegasse à estrada de gravilha, a rede de telemóvel iria ficar, no mínimo, instável.

O meu pai adorava isso no Montana. Num minuto estávamos completamente ligados ao mundo e, no seguinte, o lugar decidia por

nós que estava na hora de arrumarmos os aparelhos. Era como se o Montana soubesse que não estávamos a apreciar a sua beleza por estarmos demasiado focados no ecrã.

E o Montana era lindo. De cortar a respiração.

Campos verdejantes passavam a correr pelas minhas janelas e estendiam-se até sopés de colinas cobertas por árvores imponentes, atrás das quais se avistavam montanhas de tom índigo com os cumes brancos de neve.

Senti o estômago subir-me à garganta quando cheguei ao topo de uma encosta e avistei um sinal.

### RESORT PECUÁRIO CRAZY MOUNTAIN

Tanto as letras como a seta em baixo estavam esbatidas e eram quase impossíveis de ler à distância. A tinta branca estava estalada e lascada pela ação de demasiados verões quentes e invernos frios.

E se eu desse meia-volta? Big Timber ficava a quarenta e cinco minutos do rancho. Era uma cidade com mais bares do que semáforos, mas tinha um hotel simpático. Poderia reservar um quarto e ficar longe da propriedade dos Havens.

Ou poderia seguir em frente. E se eu continuasse estrada fora sem parar em lugar nenhum?

Seria tão fácil passar pela saída, deixando-a para trás. Poderia manter-me na estrada principal e descobrir qual a cidade seguinte. Ao fim de tantos anos a visitar o Montana, nunca passara daquele sinal. O Resort Pecuário Crazy Mountain fora sempre a minha última paragem.

E a viagem que estava a fazer não poderia ser diferente.

Obriguei-me a levantar o pé do acelerador e a pousá-lo no travão.

Fiquei com os nervos em franja quando abrandei para virar. Assim que os pneus do carro tocaram na gravilha, senti o estômago a afundar-se.

Ao longo dos milhares de quilômetros de viagem que fizera durante a semana, tinha pensado muito no que ia fazer e dizer. As ideias, os discursos que tinha em mente, escorreram-me do cérebro e ficaram a flutuar como as partículas de poeira que se levantavam atrás de mim, até o vento as levar.

Seria uma missão idiota? Teria eu deixado que o amor do meu pai pelo rancho me toldasse o espírito? A probabilidade de os Havens me aceitarem na sua vida era muito diminuta, para não dizer inexistente.

Sobretudo o West.

Senti um aperto no coração só de pensar no seu nome. Iria ele odiar-me pelo que estava a fazer? *Provavelmente.*

Vieram-me à cabeça as recordações de todas as nossas férias no Montana, e por lá se demoraram. As noites à volta da fogueira a comer *s'mores* quando eu tinha 8 anos. Os dias passados a apanhar flores silvestres quando tinha 9. Os aviões de papel aos 11. O coração partido aos 23.

Mas que raio estava eu a fazer ali?

Esta era uma tarefa para o meu pai, não para mim. Toda a ansiedade que eu sentia representava apenas metade do entusiasmo dele. Estávamos em junho. O meu pai adorava o Montana em junho e sempre dissera que não havia melhor. Afirmava que, no verão, as Crazy Mountains — com os picos altaneiros e recortados — lhe apelavam à alma.

Ele é que deveria estar no Montana. Ele é que era a pessoa certa para a tarefa. No entanto, era eu quem estava a contornar poças naquela estrada lastimável.

— Valha-me Deus — murmurei, com os dentes a chocalhar-me no crânio enquanto passava por cima de um conjunto interminável de altos e baixos no caminho.

Quando foi a última vez que mandaram alisar a estrada? Abrandei o *Land Rover Defender* até parecer que estava a gatinhar, desviando-me de um lado para o outro em busca dos trechos mais planos. Não havia

nenhum, pelo que apertei a mão em torno do volante e segui em frente.

Para as montanhas.

Para o rancho.

A estrada avançava sinuosa por entre arvoredos. Seguiu a inclinação da terra, subindo e descendo colinas, até se afundar em barrancos e chegar ao rio Haven.

A partir dali, o caminho seguia o trajeto da água fria e cristalina. O rio era demasiado superficial para que alguma coisa além de uma boia flutuasse, mas era perfeito para a pesca à pluma.

Fiz uma nota mental para consultar a lista de atividades no site do rancho. Não me lembrava de ter visto a pesca na lista... Talvez tivessem deixado de oferecer essa opção aos visitantes.

O arco que abarcava toda a largura da estrada marcava o ponto de entrada na terra dos Havens. Os troncos que o compunham tinham um ar tão gasto como o sinal na autoestrada. Algures nos quatro anos anteriores, o castanho começara a lascar e a deixar apenas o cinzento que lhe subjazia.

Aqueles troncos, que pareciam tão cansados como eu me sentia, estavam a precisar de ser novamente envernizados. Foi algo que introduzi na minha lista de afazeres, juntamente com uma chamada para os serviços municipais para alisar a estrada de gravilha.

De ambos os lados da estrada, gado preto pastava nos campos. As vedações que lhes faziam companhia eram feitas de arame farpado alinhado e tenso entre postes de aço verdes.

As vedações estavam impecáveis, o que não me surpreendeu. O West sempre fora claro quanto às suas prioridades no que dizia respeito à propriedade.

Seria capaz de correr com um hóspede ao pontapé se as vacas precisassem de um quarto.

O *Defender* chocalhou quando passei por cima de uma grelha para o gado, a marca que separava o rancho da estância.

O primeiro chalé de madeira pelo qual passei parecia abandonado. Vazio. A erva em redor do alpendre estava demasiado alta e, tal como no arco, a tinta estava a precisar de um retoque. O segundo estava praticamente igual.

Coloquei a renovação de ambos na lista. Uma lista que parecia estar a crescer a cada rotação dos pneus. Talvez fossem só aquelas duas cabanas. Talvez o resto estivesse mais bem conservado.

As minhas esperanças foram por água abaixo quando cheguei ao terceiro chalé e vi que talvez ainda estivesse pior do que os dois anteriores. Uma das caleiras tinha caído e estava a pender do telhado como um fio de massa chinesa. Os canteiros de flores estavam dominados por cardos altos.

Os três chalés por que tinha acabado de passar eram os menores e mais velhos do rancho. Sempre foram ligeiramente antiquados. Mas eram a primeira impressão e, se eu fosse um hóspede, estaria a pensar em cancelar a minha estadia sem aviso prévio.

Nem sempre fora assim, pois não? Ou teria sido enganada pela minha memória? Normalmente, chegado àquela altura das férias, o meu pai estaria a vibrar de entusiasmo por estar finalmente no rancho. Eu e a minha mãe estaríamos igualmente radiantes.

Teria o nosso entusiasmo turvado a realidade? Teria feito com que tudo parecesse melhor do que era? Mais luminoso do que era?

Eu, que vinha sem aquela ânsia do costume, senti o terror a pesar-me como cem mil tijolos na barriga.

Quando passei pelo chalé seguinte, soltei um suspiro de alívio que encheu o habitáculo. Estava distante dos outros três e não tinha nenhum problema visível a uma primeira vista. Tinha até um cesto de petúnias roxas e cor-de-rosa pendurado no alpendre.

A seguir, vinha o maior dos chalés privados. Tirando um olhar de relance, não me permiti verificar em que estado estava. Ainda era cedo.

Ainda não estava preparada para olhar de frente para aquele chalé.

Por isso, mantive os olhos fixos na pousada e no seu telhado de zinco vermelho. Os nervos enxamearam-me a barriga como vespas, picando e zumbindo, quando parei no parque de estacionamento de gravilha.

A pousada parecia deserta, com apenas dois outros carros estacionados à entrada. Quando abri a porta do meu *Defender*, fui saudada somente pelo canto dos pássaros e o farfalho das folhas. Nenhuma gargalhada. Nenhuma conversa.

Onde estariam os hóspedes?

Rodei devagar sobre mim própria para observar tudo à minha volta. Talvez a estância estivesse degradada. Talvez estivesse silenciosa. Mas os ossos eram os mesmos e com eles veio uma enxurrada de memórias. Memórias carregadas que me tiraram a energia. Memórias acutilantes que me fustigaram e me deixaram em frangalhos.

Levei a mão ao esterno, esfregando-o para aliviar a dor.

Eu não seria capaz de o fazer. Não seria capaz de ficar naquele lugar. De viver ali. O que é que me tinha passado pela cabeça?

*Temporário*. Ia ser apenas temporário. Eu tinha feito uma escolha. Tinha feito um acordo.

Não podia voltar atrás.

Por isso, encaminhei-me para a pousada, com os saltos dos sapatos a enterrarem-se na terra quando atravesssei o parque de estacionamento. A brisa fazia-se sentir na minha blusa e nas minhas calças largas, soltando-me um caracol loiro do cabelo, que se recusou a ficar preso a um nó que tinha dado de manhã.

As escadas para o alpendre da portaria tinham cinco degraus. Senti as pernas mais pesadas ao subi-los. Quantas vezes tinha eu corrido por aquelas escadas acima? Quantas vezes tinha entrado na receção cheia de pressa, a sorrir, a dar gargalhadas e completamente extasiada só por... estar ali.

Tive de recorrer a toda a força que tinha para chegar ao último degrau.

Assim que entrasse, tudo iria mudar. Não haveria como desfazer o que estava feito.



Não podia voltar para trás e não podia ir para casa.

Não tinha casa.

Por isso, endireitei as costas e dirigi-me para a porta, adicionando mais alguns pontos à lista de afazeres.

O alpendre tinha de ser varrido e lavado com uma máquina de alta pressão. Deveria haver cadeiras espalhadas pelo local, para que as pessoas se pudessem sentar e apreciar a vista. O melhor seria escolher cadeiras de baloiço, vermelhas como o telhado. A porta dupla também ficaria bonita pintada de vermelho.

Talvez viesse a fazer do vermelho a cor característica da estância. Vermelho-escuro, como o sangue.

Porque o Resort Pecuário Crazy Mountain teria o meu sangue. Teria o meu suor.

Já lá tinha deixado demasiadas lágrimas.

Acima da porta havia um letreiro com o nome da estância gravado na madeira.

## RESORT PECUÁRIO CRAZY MOUNTAIN

Oh, meu Deus. Que nome horroroso. Como é que eu ainda não me tinha apercebido disso? Parecia uma estância de férias para gado. Um lugar para levar uma vaca a passar um bom bocado no fim de semana.

Eu tinha um nome melhor na cabeça. Mudá-lo iria provocar uma enorme discussão. A primeira de muitas, sem dúvida. O mais certo era que eu fosse irritar alguém em menos de uma hora.

A porta rangeu — as dobradiças precisavam urgentemente de óleo — quando empurrei o puxador. Fui recebida pelo aroma avassalador a baunilha quando entrei na receção.

Não havia ninguém ao balcão, pelo que toquei à campainha pra-teada. Quando soou, inclinei-me para a vela que ardia ao lado de um suporte de brochuras e apaguei-a com um sopro.

A partir daquele momento, acabavam-se as velas baratas.



A recepção parecia mais pequena do que a que tinha na memória. Teria sido sempre assim tão velha? Não costumava ser mais... brilhante? Luminosa?

Talvez não fosse assim tão monótona. Talvez fosse apenas a minha atitude.

A minha atitude positiva e efusiva tinha sido muito abalada nos quatro anos anteriores.

Bem, pelo menos a recepção tinha um charme rústico. Mas precisava de mais luz. Os painéis de madeira eram escuros e a única iluminação do espaço provinha de um candeeiro de chifres que pendia do teto. As lâmpadas eram demasiado pequenas e amarelas para o espaço.

Onde estava a rececionista? Voltei a tocar à campainha.

— Já vou! — O grito vinha de um corredor distante. Ao fim de um minuto, apareceu uma mulher jovem. Tinha o rosto emoldurado pelo cabelo preto, cortado acima dos ombros. — Olá. Em que posso ajudar?

Eu retribuí-lhe o sorriso e li-lhe o nome no crachá do polo azul-marinho.

— Olá, Deb. Eu sou a Indya Keller.

— Bem-vinda ao Resort Pecuário Crazy Mountain.

Resort. Pecuário. Crazy. Mountain.

Estremeci. O nome tinha mesmo de ser alterado.

A Deb folheou os papéis atrás do balcão, provavelmente à procura de algo com o meu nome. Não teria um computador ou um iPad? Era tudo feito em papel? Quando ela levantou a cabeça, as mãos vazias, tinha os olhos toldados por confusão.

— Hum... tem uma reserva?

— Não, não tenho. Queria falar com o Curtis.

— Oh. — O corpo da Deb relaxou. — Acabei de o ver na cozinha. Vou procurá-lo para lhe dizer que está aqui. Menina...

— Keller. Indya Keller.

— Certo. Desculpe. — Fez uma carranca exagerada. — Eu não sou boa com nomes. Volto já.

Deixei-me cair contra o balcão e apertei a cana do nariz no momento em que ela saiu, apressada, da recepção. Depois olhei para o relógio. Quatro e meia. Ainda era cedo. E o verdadeiro tormento ainda nem tinha começado.

Já eram 4h39 quando a Deb regressou com as faces enrubescidas e sem fôlego.

— O Curtis está a caminho. Desculpe. Tinha saído sem eu ver e tive de ir atrás dele até ao estábulo.

— Não há problema. Enquanto esperamos, posso reservar um quarto?

— Oh. Hum... — A Deb pestanejou, abriu uma gaveta e retirou um computador portátil do interior. Ali estava ele. — Claro. Aqui na pousada? Ou prefere um chalé privado?

— Na pousada. Por favor. — Mais tarde, iria requisitar um chalé. Mas primeiro teria de ter algumas conversas.

A Deb tinha acabado de apontar os meus dados quando ouvimos uma garganta a pigarrear.

O Curtis entrou na recepção com as botas sujas, calças surradas e uma camisa verde esbatida com molas peroladas em vez de botões. O cabelo grisalho pendia para o encanecido e os traços finos do rosto tinham-se transformado em rugas vincadas. Parecia magro. Cansado. Estava a coxear. Porque estava ele a coxear?

Os últimos quatro anos tinham sido difíceis para o Curtis. Eu era capaz de o compreender. Podia não se notar tanto no meu rosto como no seu, mas ele não era a única pessoa abatida naquela recepção.

— Olá, Curtis.

— Indya. — Os seus olhos amoleceram por uma fração de segundo, como se estivessem a ver uma velha amiga. Depois deve ter-se lembrado da razão pela qual eu estava ali e a amabilidade desapareceu. O Curtis cerrou os lábios e levantou o queixo para o corredor.

— Vamos conversar no escritório. Deb, prepara um quarto para a menina Keller. Como cortesia.

— Já estou a tratar disso. — Deu-lhe uma continência a brincar e começou a trabalhar, as unhas a bater no teclado enquanto digitava.

*Ele não deveria estar a oferecer quartos de cortesia a ninguém, nem sequer a mim.* Mas manteve a boca calada e seguiu o passo incerto em direção ao corredor.

Tinham passado anos desde a última vez que eu havia estado naquela parte da pousada. Espreitei para todas as portas abertas por que passámos. Uma casa de banho que precisava de ser limpa. Um escritório minúsculo coberto de pó. Um depósito completamente desorganizado.

A minha lista de afazeres estava a crescer e, com ela, despontou uma dor de cabeça.

O Curtis entrou no escritório ao fundo do corredor — o escritório do canto — e acendeu uma luz. O ar era cediço. A luz que jorrava pelo vidro evidenciava as partículas de poeira. O compartimento não era grande, mas as janelas davam uma ilusão de espaço. As esquadrias das janelas eram molduras para prados verdejantes e florestas exuberantes mais além.

— Senta-te. — Estendeu a mão para uma secretária de noqueira. — Os rapazes estão a caminho. Eu vou buscar mais umas cadeiras. Queres alguma coisa para beber?

— Não, obrigada. — Mostrei-lhe um sorriso simpático.

Ele não me retribuiu o sorriso e saiu.

O coração subiu-me à garganta à medida que me encaminhei para a cadeira de executivo que estava bem arrumada debaixo da secretária. A pele era fria e rígida quando me sentei. A parte lombar era demasiado pronunciada e os braços de um plástico duro. Ou se tratava de uma cadeira nova em folha para o escritório ou já tinha passado muito tempo desde a última vez que alguém se havia sentado naquele assento.

Dada a razão pela qual eu estava ali, provavelmente a segunda opção.

Não me parecia bem estar atrás daquela secretária. Não me parecia bem estar naquele escritório.

Não me parecia bem estar no Montana.

O Curtis regressou ao escritório com três cadeiras dobráveis debaixo dos braços. Abriu-as e atirou-as sem cerimónia para o chão, tendo cada uma caído com um estampido forte que me fez estremecer.

Três cadeiras. Para três Havens.

No lado errado da secretária.

— Eu vou, hum... — Passou uma mão pelo cabelo, que ficou espetado no ar. Depois, saiu do escritório sem acabar a frase.

A estranheza era esperada. E só iria piorar.

Senti a barriga enrolar-se num nó enquanto esperava e não tirei os olhos da secretária coberta de pó. Se olhasse em volta, provavelmente encontraria mais itens para a minha lista de afazeres, que já estava a ficar demasiado extensa.

*Quem deveria estar aqui para fazer isto era o meu pai, não eu.* Ele saberia o que dizer para aliviar a tensão. Ele saberia como amparar o golpe.

O Curtis voltou com quatro garrafas de água. Pousou-as na secretária antes de pegar numa para ele e se sentar na cadeira de dobrar mais distante da porta.

— Obrigada. — Peguei numa água, abri a tampa e bebi um trago.

O Curtis não relanceou sequer para mim. Olhou para a garrafa que tinha na mão. Inspeccionou as botas gastas. Virou-se para a janela com os olhos distantes fixos no nada.

O silêncio alongou-se entre nós, tão desconfortável como a cadeira em que eu estava sentada.

— Os rapazes não sabem disto. — O anúncio do Curtis não foi mais do que um murmúrio, mas foi como se mo tivesse gritado ao ouvido.

— O... o quê?

— Não sabia como lhes dizer.

A minha boca abriu-se de espanto.

— Quer dizer que não lhes disse... nada?

Ele abanou a cabeça.

Oh, diabo. A sério? Como é que ele foi capaz de manter o segredo? Seria um castigo por eu estar a tentar fazer o que considerava ser o mais correto? Teria intenção de me obrigar a ficar a ver enquanto ele dava as más notícias? Ou estaria à espera de que fosse eu a dizer-lhes?

Sentia as fontes a latejar a cada pergunta que fazia a mim própria. Uma dor de cabeça que haveria de se fazer enxaqueca antes de o dia terminar.

— O Curtis é que lhes vai contar tudo. — Endireitei as costas e pousei a mão com os dedos abertos na secretária.

Na minha secretária.

Aquela era a minha secretária.

Eu não era uma hóspede. Não era uma mera espectadora. Estava no Montana em trabalho.

Estava no Montana para fazer o que o meu pai me tinha ensinado a fazer.

A partir daquele momento, era eu quem mandava. E ia obrigar o Curtis a dizer aos filhos que eu era a proprietária do Resort Pecuário Crazy Mountain.

— Eu conto-lhes. — Assentiu com a cabeça.

Quando vi o seu rosto ficar sem cor, senti um aperto no coração.

Ele tinha tido mais de um mês para lhes contar tudo. Em qualquer outra situação, eu não sentiria nem um bocadinho de pena. Tinha feito a própria cama.

Mas tratava-se do Curtis. O homem que me ajudara a montar o meu primeiro cavalo. O homem que se fizera amigo do meu pai. O homem que sempre se certificara de que a minha família tinha um escape.

Se ele não fosse capaz de o fazer, se não fosse capaz de contar tudo ao West e ao Jax, fá-lo-ia eu por ele.

Ouvi passos no corredor.

Sentei-me mais direita, com a pulsação a acelerar. *Respira. Inspira e expira.*

Quatro dias na estrada, a mentalizar-me para aquele momento, e ainda não estava preparada. Não estava preparada para o enfrentar.

— Pai? — chamou o Jax.

*Ufa.* O ar soltou-se-me dos pulmões. O alívio não duraria muito, mas ia aproveitar todas as frações de segundo que pudesse.

— Aqui dentro. — O Curtis manteve os olhos postos na janela.

O Jax entrou despreocupadamente no escritório, detendo-se quando me viu atrás da secretária.

— Olá. Desculpe. Pensava que o meu pai estava sozinho.

— Olá. — Levantei-me e estendi a mão. — Indya Keller.

— Prazer em conhecê-la, minha senhora. — Ele perscrutou-me o rosto ao retribuir o cumprimento. — Ou já nos conhecemos?

— Sim, conhecemos — assenti com a cabeça. — Mas foi há muito tempo.

Da última vez que eu o vira, o Jax era um adolescente, a acabar o último ano do ensino secundário. Teria ido para a universidade? Ou teria estado na estância nos quatro anos que se tinham passado entretanto?

O Jax tinha enchido a ampla compleição e perdido a suavidade da juventude. Barba de um loiro-escuro cobria-lhe o maxilar. Tinha um sorriso fácil. Encantador. Nada que partilhasse com o irmão.

Os sorrisos do West sempre foram encantadores, mas nunca saíram com facilidade.

O Jax sentou-se na cadeira ao lado da do pai, pousando um tornozelo em cima do joelho. A postura era descontraída, mas os olhos semicerraram-se, sem dúvida por estar a questionar-se relativamente ao que estaria eu a fazer do lado errado da secretária.

— O que se passa aqui?

— Vamos esperar pelo West — disse o Curtis.

O Jax murmurou em assentimento e pegou numa água, bebendo metade da garrafa no tempo que levou até que outro par de passos ecoasse no corredor.

Os meus ombros alçaram-se para junto das orelhas, mas obriguei-me a baixá-los. Coloquei a expressão impassível que aprendera a dominar havia pouco tempo. A expressão que o Blaine detestava. Irónico, porque o nosso casamento fora a razão pela qual tivera de a aprender.

Mas, não obstante a fachada de neutralidade, o meu coração batia com cada vez maior velocidade. Depois parou. No momento em que o West apareceu, tudo parou.

O mundo transformou-se num borrão e eu esqueci-me de respirar.

Caramba, o West estava um espanto. Tão vigoroso e bem-parecido como no dia em que jurei que não voltaria a visitar aquele rancho. O cabelo escuro estava todo despenteado. Encontrava-se ligeiramente arredondado, como se tivesse estado de chapéu durante horas e depois usado os dedos para o pentear. O maxilar desenhado estava coberto por uma barba curta, densa e escura.

O corpo entroncado do West enchia a entrada da porta. Os dois primeiros botões da camisa de cambraia estavam desapertados e a pele exposta estava morena e suada. Tinha um par de luvas de pele enfiadas no bolso de trás das calças de ganga *Wrangler*.

— O que... — No momento em que me viu atrás da secretária, o West estacou abruptamente ainda antes de entrar. — Indya?

Tempos houvera em que eu vivia para ouvir aquela voz grave e enrouquecida.

— Olá, West.

Os seus olhos de avelã percorreram-me o rosto, observando cada pormenor. Depois, baixaram para as minhas mãos pousadas em cima da secretária. Para o dedo que costumava ostentar um anel com um diamante.



— Senta-te — disse o Curtis.

O olhar do West virou-se para o pai. O que quer que tenha visto, deixou-lhe o corpo tenso e o maxilar cerrado.

— Acho que vou ficar em pé.

Como não podia deixar de ser.

Não havia no planeta homem mais obstinado e teimoso do que o West Haven.

O Curtis suspirou, como se estivesse à espera daquela reação do filho mais velho. Assentiu com a cabeça, engoliu em seco, mas não disse nada.

Iria contar-lhes? Ou iria ficar ali sentado a olhar para mim?

O som do meu coração a martelar era tão alto, que eu tinha a certeza de que aqueles três homens também o conseguiam ouvir.

O Curtis manteve a atenção concentrada em mim, como se estivessemos a jogar um jogo. Quem iria quebrar primeiro? Ele não ia contar-lhes coisa nenhuma, pois não? Cobarde. Ia obrigar-me a fazê-lo.

— Pai? — perguntou o Jax. — O que...

— Vendi o rancho.

O fôlego que eu estava a conter saiu-me desenfreado dos pulmões e a temperatura no escritório desceu a pique quando a afirmação do Curtis foi interiorizada por todos.

— Que merda é esta? — O Jax explodiu da cadeira e a parte de trás dos joelhos fê-la deslizar pelo chão. — Vendeste o rancho?

Todo o corpo do West exalava ondas de fúria gelada, mas não se mexeu. Pousou os olhos em mim, mantendo-me colada àquela cadeira horrível.

O Curtis baixou o queixo e lá conseguiu acenar afirmativamente com a cabeça. A vergonha parecia pesar-lhe tanto nos ombros, que temi que a frágil cadeira em que ele estava sentado cedesse.

— A ti? — O Jax apontou para o meu nariz. — Vendeu-o a ti?

— Vendeu — respondi, ainda com os olhos fixos no West.

— O que é que isso significa? — perguntou o Jax. — Temos de sair daqui? Perdemos o emprego? E as nossas casas? Mas que *raio* se está a passar?

As perguntas do Jax encheram o escritório enquanto eu olhava para o irmão dele.

Quando eu era mais nova, o olhar do West deixava-me nervosa e inquieta. Mas depois percebera que ele era assim.

O West ficava a olhar quando não sabia o que dizer.

Por isso, eu retribuí o gesto, assimilando aquele rosto.

Mesmo zangado e confuso, o West era lindo. E, oh, como eu o amara no passado.

Amava tanto o West Haven, que nem conseguia ver bem. Tanto, que teria abdicado de tudo e mais alguma coisa para estar ao lado dele.

Que rapariga estúpida que eu era.

— West. — O Jax bateu-lhe no braço. — Diz alguma coisa.

Mas o West não disse nada. Seria capaz de sair dali sem dizer nada. De ficar calado para se certificar de que não dizia as palavras erradas. As que feriam mais.

E, como era de esperar, num momento eu estava a olhar-lhe diretamente para os olhos de avelã inflamados.

No momento seguinte, estava a olhar-lhe para as costas depois de ele se virar e antes de desaparecer.

— Foda-se — atirou o Jax, a precipitar-se do escritório para fora na peugada do irmão.

Eu esperei até que não houvesse barulho no corredor.

— Devia ter-lhes contado, Curtis.

— Acho que estava convencido de que desta forma seria melhor. Estava a contar contigo aqui para te certificares de que eu não falava demais.

Seria uma ameaça?

— Tínhamos feito um acordo, Curtis. — Um acordo que exigia que ele mantivesse o raio da boca fechada.

— Eu estou bem ciente do acordo, Indya — resmoneou. Depois, levantou-se de um pulo e saiu.

O silêncio voltou devagar, como uma pena a flutuar até tocar no chão. Esperei que caísse, que o meu coração deixasse de martelar, e depois comecei finalmente a olhar em volta para o escritório.

Não tinha estantes. Nem fotografias. Nem papelada, nem computador portátil. Nada de pessoal a não ser um quadro do outro lado da secretária.

Era uma aquarela do focinho de um cavalo. A crina emaranhada caía-lhe sobre um olho. Os tons de castanho, dourado e fulvo combinavam na perfeição.

Fiquei a olhar para o cavalo enquanto pegava no telemóvel para ligar ao meu pai.

«Chegou à caixa de correio do Grant Keller. Deixe uma mensagem e eu irei ligar-lhe de volta assim que possível. Obrigado.»

— Bem, pai. Isto correu... Já passou. Depois conto-te tudo. — Terminei a chamada e pousei o telemóvel na secretária.

Não estava bem. Nada do que se estava a passar estava bem.

Eu não deveria ter voltado para o Montana.

— Mas que raio estou eu aqui a fazer? — sussurrei.

O cavalo não tinha nenhuma resposta para me dar.

## Capítulo 2

### INDYA

#### *Aos 8 anos de idade*

— Resort Pecuário Crazy Mountain. — Li numa brochura que estava sobre a mesa da sala de jantar do chalé. — Que nome tão fixe, não é, pai?

Ele murmurou em aquiescência, deitado no sofá. Tinha os olhos fechados, a cabeça pousada em duas almofadas castanhas.

— Indya, o teu pai vai descansar até ao jantar. — A minha mãe tirou-me a brochura das mãos e puxou-me um caracol para trás da orelha. — Porque não vais lá para fora conhecer melhor o lugar? Eu vi um baloiço ali junto à pousada.

— Eu não quero ir lá para fora. — Suspirei. — Tenho mesmo de ir?

— Não. Podes ir lá para fora ou para o teu quarto e ler.

— Mãe — resmunguei. — Os livros que eu trouxe são chatos.

— Então vai lá para fora.

Por pouco não revirei os olhos. Por muito pouco. Mas ela ficava zangada quando eu revirava os olhos.

— Há outras crianças lá fora?

— Talvez. — Encolheu os ombros. — Só há uma forma de descobrires.

Indo lá para fora.

— Pronto, está bem. — Arrastei o passo em direção à porta.

— Indya — chamou-me o meu pai, que, quando me virei, tinha um dedo encostado à face.

Eu fui a correr para o sofá e dei-lhe uma beijoca.

— Obrigado, aboborinha. — Abriu muito os olhos. — Deixa-me só fazer uma soneca rápida e depois vamos para o jantar à volta da fogueira. Os crescidos vão comer bife, mas os pequenos vão comer cachorros-quentes. Talvez possas surripiar um para mim.

— Está bem. — Sorri e perscrutei-lhe o rosto por um instante.

Parecia o mesmo de sempre. Continuava a ser o pai mais alto da minha escola. Continuava a ser a pessoa mais forte que eu conhecia. Mas, nos últimos tempos, andava muito cansado. Fazia muitas sextas.

A minha mãe estava sempre a mandar-me para o quarto para ele poder descansar. E, quando pensavam que eu não estava a ouvir, ouvi-os a falar em *cancro*.

Eu sabia o que era o cancro.

A professora Davy ia ser a minha professora no 1.º ano, mas tinha ficado todo o ano fora por causa de um cancro. Às vezes, o diretor da escola ia à nossa sala de aula para nos mostrar fotografias. A professora Davy já não tinha cabelo.

Iria o meu pai perder o cabelo?

A minha mãe dizia que eu era a miniatura dela, tirando o cabelo, que era igual ao do meu pai. Encaracolado, loiro e indomável. Bem, o meu era indomável. Tinha muito cabelo, eu.

Tinha esperança de que ele não perdesse o seu.

— Vai lá, querida — pediu a minha mãe.

Eu bufei e descí do sofá antes de me arrastar para a porta.

— Amo-te — disse o meu pai.

— Eu também te amo. — Acenei para a minha mãe, saí e descí as escadas do alpendre aos saltos.

Estávamos no Chalé Dente de Urso. Era o maior chalé da estância. Fora o que a senhora dissera quando chegáramos poucas horas antes. Tinha quatro quartos e umas águas-furtadas.

Eu escolhera as águas-furtadas para dormir, embora tivessem a cama mais pequena.

Tínhamos uma cozinha, que a minha mãe disse que não iríamos usar porque ela não ia de férias para cozinhar.

Às vezes, a minha mãe conseguia ser muito confusa, porque também não cozinhava em casa. Era o nosso chefe que preparava as nossas refeições. Saberá ela sequer cozinhar?

Fui a saltitar pelo caminho de pedras que ia do chalé à pousada, rodopiando quando uma borboleta amarela passou a esvoaçar por mim. Adorava borboletas. Tínhamos borboletas no jardim da nossa casa. A minha mãe tinha pedido ao jardineiro para plantar flores para as borboletas e as joaninhas.

Seriam as borboletas do Montana parecidas com as do Texas? Seriam capazes de voar para tão longe? Quanto tempo demorariam?

Eu andava às voltas, a olhar para o inseto, quando fiquei com o dedo do pé preso numa pedra. Soltei um berro e caí sobre as mãos e os joelhos.

— Au. — Pus-me de pé num salto e olhei primeiro para as mãos. As palmas estavam arranhadas, mas nada a deitar sangue.

Só que depois olhei para o joelho. Vermelho a escorrer de um corte e uma lasca de pele a pender.

*Au, au, au!* Inspirei profundamente à espera de que a dor passasse. Se fosse para o chalé, a minha mãe iria verter aquela coisa gasosa — hidro qualquer coisa — na ferida, o que iria arder dez vezes mais do que o corte.

— Au. — Fechei os olhos.

— Estás bem? — Vi um rapaz a correr vindo da pousada.

— Estou. — Assenti com a cabeça.

— Estás a deitar sangue.

— Não me dói. — Não era assim tão mau.

— Precisas de um penso rápido? — perguntou ele.

Eu abanei a cabeça.

— A minha mãe tem muitos. Ela diz que eu sou muito desastrada.

— Ah. — Ele olhou-me de cima a baixo e semicerrou os olhos.

— Vais chorar?

Não enquanto ele estivesse a olhar para mim. Levantei o queixo.

— Não.

— As raparigas costumam chorar. Sobretudo quando se magoam.

— Eu não. — Às vezes chorava. Mas o ardor já estava a diminuir, e ele parecia um rapaz que não iria brincar comigo se pensasse que eu era uma chorona.

— Ainda bem. — Ele assentiu com a cabeça. — Como te chamas?

— Indya.

— Índia? — Ele olhou para mim com estranheza. — Como o país?

— Mais ou menos. I-n-d-y-a. Escreve-se com um Y. E tu, como te chamas?

— West.

Era um nome fixe. Não tanto como o meu, mas bastante fixe.

— Nunca tinha ouvido falar do nome West.

— E eu nunca tinha ouvido falar do nome Indya. De onde és?

— Do Texas. E tu, és de onde?

— Eu vivo aqui.

— Tipo, no rancho?

— Sim. Com o meu pai, a minha mãe, o meu irmão mais novo, o meu avô e a minha avó.

Parecia um sítio divertido para se morar.

— Quantos anos tens? — perguntei.

— Tenho 10.

— Eu tenho 8. Queres brincar no baloço comigo?

— Nem por isso.

— Oh. — Os meus ombros caíram.



— Queres ver o meu cavalo?

— Está bem. — Assenti vigorosamente com a cabeça e corri atrás do West em direção ao estábulo, esquecida do arranhão no joelho.

O cavalo dele chamava-se *Chief*. Subimos uma vedação e avançamos pelo campo na sua direção. O West tinha um punhado de cereais no bolso e o *Chief* comeu-lhos da palma da mão.

A minha mãe ficou zangada quando não me encontrou no baloiço e obrigou-me a prometer que a avisaria antes de ir com o West para onde quer que fosse. Antes do jantar, verteu-me aquela coisa gasosa no joelho, embora já não estivesse a escorrer sangue. O remédio fazia a ferida doer muito mais do que quando me magoei.

O meu pai ajudou-me a cozinhar o meu cachorro-quente junto à enorme fogueira que fizeram naquela noite. E continuou a dormir muitas sextas.

A minha mãe obrigava-me sempre a sair do chalé e eu não me importava. Às vezes, tinha de brincar no baloiço sozinha. Mas outras vezes o West aparecia e deixava-me ir com ele afagar o cavalo.

O Montana era um sítio muito divertido para passar férias.

## Capítulo 3

### WEST

Aquilo não estava a acontecer. Não era verdade.

Saí disparado do escritório, alongando a passada de tal forma que por pouco não estava a correr. Tinha de sair da porcaria daquele edifício para poder pensar. Para poder respirar. Para não sentir o perfume doce de rosas da Indya.

— Ei, West. Posso...

— Depois. — Levantei a mão para interromper a pergunta da Deb ao passar pelo balcão da receção sem olhar para trás.

Provavelmente, ia-me perguntar se lhe podia dar aquelas duas semanas de férias em julho para poder viajar com o namorado para diferentes *rodeos* pelo estado.

Uma vez que eu estava chateado com o namorado dela, não estava muito inclinado para dizer que sim.

O Casey tinha aceitado trabalhar connosco no verão e levar os hóspedes à pesca. Era o segundo verão consecutivo em que nos faltava um guia e eu não podia tirar tempo para ir pescar. Mas já havia três fins de semanas em que, em vez de aparecer no trabalho, o Casey ligava a dizer que estava doente, tudo para poder ir lançar laços em dupla. O que significava que eu tinha de deixar de oferecer a opção de pescar aos hóspedes. Outra vez.

Mas, mesmo que eu não estivesse irritado com o namorado dela, a Deb já tinha esgotado os dias de férias. Até já tinha tido uma semana a mais. E não podíamos dar-nos ao luxo de a ver desaparecer por duas semanas durante a temporada mais atarefada da estância.

Quem haveria de ficar na recepção? O Jax? O meu pai? Eu? Já estávamos os três no limite.

Até a minha avó já estava a ficar com os turnos do início da manhã. Mas estar de pé o dia inteiro não ia ser bom para a anca dela. Além disso, só significava mais trabalho para mim. Ela não gostava do sistema informático, pelo que, antes do amanhecer, eu ia para a pousada, preparava-lhe uma caneca de café e imprimia-lhe todas as reservas em papel para ela as poder ler quando chegassem os hóspedes.

A minha avó preferia que as coisas fossem feitas como ela sempre as fizera. Desde o tempo em que ela e o meu avô construíram a pousada. Desde que ambos criaram o Resort Pecuário Crazy Mountain.

Saberiam eles que o meu pai tinha vendido o rancho? Que pegara na terra que eles lhe tinham oferecido e a pusera de lado?

*Foda-se.* Que pesadelo. Não podia ser verdade.

Ele vendeu o rancho?

Senti o estômago a ferver quando empurrei a porta da frente da pousada com tanta força, que bateu contra a parede e até as dobradiças rangeram com o ressalto.

Não podia ser verdade.

— West — chamou o Jax, a correr para me alcançar quando eu já estava a descer as escadas do alpendre em passo apressado.

— Agora não. — Continuei a andar e passei uma mão pelo cabelo a caminho da minha carrinha.

Estava um dia bonito. Céu limpo e azul. Ar fresco e puro. Luz do sol quente e amarela. Porque é que os piores momentos da minha vida aconteciam sempre em dias bonitos?

— West — voltou a chamar, já a agarrar-me o ombro.

— Agora não, Jax. — Desviei-me da sua mão e segui em frente, em direção à carrinha.

— Vais-te embora assim? Vais deixar que isto aconteça?

Dei meia-volta para olhar para ele.

— Mas que raio queres que eu faça? Não consigo sequer... Não sei sequer o que está a acontecer neste momento.

— Eu também não. — O meu irmão atirou as mãos ao ar. — Tens de ficar aqui. Tens de resolver isto.

Tinha de o resolver? Havia anos que andava a tentar resolver tudo no rancho.

— Por favor — implorou o Jax.

*Merda.*

— Depois. Prometo.

O meu pai apareceu à porta da pousada e olhou em volta do parque de estacionamento. Quando nos viu, desceu as escadas do alpendre, estremeecendo a cada passo. Aquele problema na perna não estava a melhorar, mas o teimoso de um raio recusava-se a ir ao médico. Magoara a anca, e talvez também o joelho, quando tivera de saltar de um cavalo duas semanas antes.

Era um animal preto castrado que precisava de tempo e paciência. Precisava de ser montado diariamente e de lições sobre como ser um excelente cavalo. Não era um bom cavalo, era um excelente cavalo.

O meu cavalo.

O *Chief* fora o último cavalo verdadeiramente meu. Quando morrera, deixara um vazio. Um buraco que eu não estava preparado para preencher. Por isso, ao longo dos dez anos seguintes, limitava-me a montar o cavalo que estivesse disponível. Mas, à medida que os que nós usávamos para os hóspedes iam envelhecendo e ficando mais lentos, era preciso treinar cavalos novos.

E estava na hora de eu ter o meu próprio cavalo.

Tinha comprado cinco e escolhido o mais alto para mim. Quanto aos outros quatro, eu e o Jax andávamos a montá-los com todo

o empenho, a levá-los em passeios por trilhos com hóspedes e a treiná-los diariamente.

Mas aquele capão não ia ser um cavalo de passeio e não havia horas suficientes no dia para o treinar. O treino dele não era uma prioridade.

Pelos vistos, isso não era suficiente para o meu pai, porque, duas semanas antes de a Indya aparecer, eu chegara a casa após um longo dia a conduzir gado e vira-o coxear. Fora montar o meu cavalo e ficara num caco.

Se tivesse esperado... se tivesse falado comigo...

Sobre o cavalo.

Sobre o rancho.

Sobre a Indya.

*A Indya.*

Porquê? O que estava ela a fazer no rancho? Quatro anos sem dizer nada e agora aparecia assim? Raios. Não conseguia respirar. Sentia a cabeça a andar à roda. O meu coração parecia ter sido desfeito em mil pedaços.

Tinha de sair dali.

O meu pai levantou uma mão antes de eu poder fugir.

— Não dês nem mais um passo, filho.

Tinha 31 anos de idade e continuava a não ser capaz de me impor perante aquele tom.

— Não estou com vontade de falar, pai.

— Azar. — Parou ao lado do Jax e pousou as mãos nas ancas.

— Desculpa. Eu sei que isto foi um choque. Mas temos de falar. Eu deveria ter explicado, mas... fiz o que achei que era melhor.

— Vendendo o rancho? — Não podia ser verdade.

Só que era verdade, não era?

— Como foste capaz?

— Estamos a passar por grandes dificuldades, West.

— Foda-se, eu sei que estamos com dificuldades — vociferei.

— Mas esta não era a solução.

— Era a solução, sim. A única solução. Tens de acreditar no que eu te digo.

— Acreditar? — Saberia ele o significado da palavra, sequer?  
— Vai-te lixar.

Ele estremeceu.

O Jax também.

— Não estamos só a afundar-nos. Estamos a afogar-nos.

— Estamos? Nós?

Nunca nada no rancho tivera que ver connosco. Só com ele.

A decisão dele. A escolha dele.

O rancho dele.

— Eu. — A voz do meu pai saiu rachada. — Estamos... Eu estou...  
*falido.*

Falido? Talvez mais fodido.

Estávamos fodidos.

Deveria ter doído mais. Deveria ter-me apanhado de surpresa. Mas, no fundo, andávamos a descer aquela estrada havia muitos anos.

— Como assim, estamos falidos? — perguntou o Jax.

— Não temos dinheiro. — Os olhos do meu pai estavam humedecidos. — Devemos mais ao banco do que o que temos expectativa de poder pagar.

— Então vendeste tudo? — perguntou o Jax. — Nem sequer falaste connosco.

— Bem, se tivesse tido alternativa, não teria tomado esta decisão.

— Sozinho — disse eu. — Tomaste essa decisão sozinho. Como sempre.

O meu pai tinha vendido o rancho.

Era verdade. Porra, era mesmo verdade.

Não podia ser.

Não só o tinha arrancado da nossa família, como o tinha feito sozinho. Tinha falado com ela sozinho. Tinha esfregado sal na ferida aberta, ainda em carne viva, do meu coração.

— Quanto tempo? — perguntei. — Quanto tempo demoraste a planejar isto tudo em segredo?

O meu pai baixou o olhar para a terra.

— Um mês.

— O quê? — disparou o Jax, atirando ambas as mãos para o ar. — Vendeste-o há um mês?

— Não. O contrato foi assinado na semana passada. Mas estivemos a... negociar.

A negociar. Com a Indya Keller.

Não, Keller não. Hamilton. Indya Hamilton era o nome de casada dela. Embora, no escritório, não estivesse a usar aquele diamante enorme e exuberante no dedo. Porquê? Onde estaria o *Blaine*?

Também estaria envolvido na compra? A ideia de ter aquele filho da mãe como dono da terra que eu estava a pisar deixou-me o sangue a ferver. Aquela terra era dos Havens. Mesmo antes de o meu avô e a minha avó terem começado a construir a estância, o rancho pertencia à nossa família havia muitas gerações.

— Este é o nosso legado.

*Era* o nosso legado.

E tinha passado a pertencer-lhe a ela.

Como é que tínhamos chegado àquele ponto? Como é que tudo se desmoronara tão gloriosamente? Não conseguia respirar. Alguém me deixara sem fôlego e eu não conseguia fazer chegar ar aos pulmões.

— Vendeste-lhe mesmo o rancho? — perguntou o Jax.

O meu pai assentiu com a cabeça.

— Vendi.

— Mas... não falaste connosco. — A afirmação do Jax tinha uma inflexão de pergunta.

Num passado distante, as tendências aristocráticas do meu pai também me apanhavam de surpresa. Costumava ficar espantado por ele não falar com os filhos antes de tomar decisões que *lhes* afetavam as vidas.



Mas, com o passar dos anos, fui percebendo que o meu pai não nos perguntava nada porque não queria saber qual era a nossa opinião.

O Jax ainda não tinha tido experiências suficientes para o perceber, sobretudo por ainda ser jovem.

O meu irmão passara os últimos quatro anos na universidade em Bozeman. Estivera bastante afastado do rancho e da atividade da estância.

Mas voltara para casa havia um mês, a exhibir orgulhosamente o certificado de licenciatura e a declarar que estava pronto para ajudar no negócio.

O pai não tivera coragem de lhe dizer a verdade sobre o negócio. E eu também não.

Já há anos que sabia que estávamos com problemas. Era cada vez mais difícil fazer os pagamentos ao banco. A solução que eu propusera fora a de colocar uma parte da terra à venda.

Mas não a terra toda.

Teria ele realmente vendido a terra *toda*?

— Não é o ideal — disse o meu pai. — Mas, pelo menos, conhecemos a Indya. Ela já esteve aqui. A família dela passou tempo aqui. Ela conhece a estância. E os Kellers são boas pessoas.

Só que ela não era uma Keller. Ou tinha de deixado de ser.

— É melhor tê-la a ela do que a um promotor imobiliário que venha desfazer isto tudo — disse ele.

— Como sabes que ela não vai fazer isso mesmo? — perguntei.

— Ela deu-me a palavra dela. Acredito que a vai manter.

Talvez. Talvez não.

— Está no contrato?

O meu pai abanou a cabeça.

— Oh, diabo. — O Jax passou ambas as mãos pelo rosto. — Estamos fodidos. Completamente fodidos.

Eu queria dizer-lhe que não. Que iríamos encontrar uma solução. Que ficaríamos bem. Mas não fazia promessas ao meu irmão que não fosse capaz de cumprir.

— Confiem em mim. — Os olhos do meu pai procuraram os meus. — Por favor.

— Não posso.

O meu pai abriu a boca, mas fechou-a com um estalido audível. Talvez tivesse algo mais a dizer, mas eu não ia ouvir. Já tinha ouvido o suficiente. Por isso, ele rodou sobre o calcanhar e dirigiu-se para o estábulo. Era bom que escolhesse um cavalo que não o meu castrado, se queria ir montar.

— O que vamos fazer? — perguntou o Jax.

— Não sei.

Ele virou o olhar para o SUV preto e brilhante com matrícula do Texas. Da Indya, sem dúvida.

— Temos de confiar nele. E trabalhar para ela? — O Jax fez uma expressão de desprezo. — Nunca na minha vida vou trabalhar para ela. Ela que se lixe.

— Não...

— Não o quê?

Não fales dela dessa maneira.

— Não te precipites. Temos de saber mais.

O Jax não conhecia a minha história com a Indya. E o meu pai também não... Pelo menos, não na totalidade.

Ninguém conhecia. Fora mais fácil assim.

Mais fácil quando ela vinha ao Montana por uma semana no verão e depois voltava para a vida de rica no Texas.

A Indya estava no rancho. Por quanto tempo?

Detestava o facto de ainda ter esperança de que fosse por mais de uma semana.

Sem dizer nem mais uma palavra, encaminhei-me para a carrinha e abri a porta com violência para entrar. O motor acordou, ronronante, quando dei à chave. Depois pousei o pé no acelerador e arranquei a toda a velocidade pela estrada abaixo, deixando uma nuvem de poeira atrás de mim.

O que eu precisava era de montar um cavalo e galopar a toda a brida, mas o meu pai pensou nisso primeiro, por isso decidi conduzir.

A carrinha balançava e sacudia-se pela estrada abaixo. Ligar aos serviços municipais para que alisassem a estrada de gravilha, que estava cheia de buracos e poças, estava na minha lista de afazeres. Mas sempre que me lembrava disso, já passava muito das cinco da tarde, e os gabinetes dos serviços municipais já estavam fechados.

Antes de chegar ao arco principal, que marcava a entrada para o rancho, levei o pé ao travão e o carro patinou antes de eu virar para o caminho de terra batida, marcado pelos pneus das carrinhas, que, sinuoso, cruzava os pastos. Segui o trilho de erva pisada que passava ao lado de um arvoredado e continuava em direção às montanhas lá ao fundo.

Mais oitocentos metros e estaria num local sem rede de telemóvel. Com sorte, teria um furo. Neste momento, preferia ficar preso no meio das montanhas só com a carrinha a ter de estar nas imediações daquela pousada.

Teria a Indya vontade de ficar? O que estaria ela a pensar que iria acontecer a partir do momento em que se tornara a proprietária do rancho? Iríamos ficar sem emprego? Sem casa?

Ainda tinha a cabeça a andar à roda. A pressão que sentia no peito era incapacitante. A pulsação martelava-me tão alto nos ouvidos, que eu nem conseguia pensar.

Bati com o punho fechado no volante ao mesmo tempo que tirei o pé do acelerador e deixei a carrinha abrandar. Assim que parou, saltei porta fora para poder respirar.

Ao fim de cinco passos na erva alta, caí de joelhos. Depois, inalei uma respiração trémula e contive-a até sentir os pulmões a arder.

Aquela era a minha terra. Aquela era a minha casa.

Porque haveria a Indya de fazer aquilo? Por vingança?

Odiar-me-ia assim tanto?

Ela sabia o que o rancho significava para mim. Para a minha família. Estava-me tão entranhado no corpo como os meus ossos.

Ouvi uma águia gritar enquanto planava por cima das árvores.

Gritar pareceu-me uma ótima ideia.

Por isso, enterrei o rosto nas mãos.

E soltei um rugido.

— Foda-se!

Fechei os olhos e respirei até o som se desvanecer.

A culpa era minha. O que estava a acontecer era culpa minha.

Por muito que quisesse culpar o meu pai, teria de reconhecer que, na verdade, os problemas financeiros começaram com a Courtney. E a responsabilidade fora minha. Eu é que a levava para o rancho.

Levei a mão ao chão e peguei num pedaço de terra, observando-a.

Era a terra dos Havens. Era a minha terra.

Tinha de haver uma forma de desfazer a venda. Tinha de haver uma forma de resolver a situação.

Fiquei alguns minutos só a respirar, a deixar que a raiva e o choque abrandassem. Depois levantei-me, sacudi a terra que me restava nas mãos nas calças de ganga e fui para a carrinha. Fiz o caminho de regresso ao rancho a uma velocidade menor, para ter tempo para pensar.

De quanto dinheiro iria eu precisar? Qual teria sido o valor da venda do rancho à Indya?

Havia uma propriedade vizinha nos arredores de Big Timber com um tamanho semelhante que, dois anos antes, tinha sido vendida por dez milhões de dólares.

Demasiados zeros.

*Estamos falidos.*

Eu não tinha milhões de dólares. Será que conseguia pedir um empréstimo?

Era na temporada de verão que fazíamos mais dinheiro. Depois vendíamos os bezerros do ano no outono. Estávamos a cortar nas

despesas. Eu já tinha reduzido o pessoal da estância e estava a fazer sozinho o máximo de trabalho possível.

Não era suficiente.

Porque queria a Indya o lugar, afinal? O que estava a fazer no rancho?

Só havia uma maneira de descobrir.

O SUV dela ainda estava no parque quando eu parei junto à pouxada. Estacionei ao lado dele e dirigi-me para o interior.

A receção estava vazia. Onde raio estaria a Deb? Seria assim tão difícil ficar ao balcão? Não me dei ao trabalho de tocar à campainha. Limitei-me a vasculhar a papelada até encontrar o nome da Indya.

Quarto 208. Subi as escadas, dois degraus de cada vez, contornei o patamar e segui a passo largo até ao final do corredor. Com o punho levantado para bater à porta, sorvi o ar para me acalmar — não funcionou — e bati com força na aduela.

Foi um pouco alto demais, um pouco violento demais. Três quartos mais abaixo, abriu-se outra porta de repente e a nossa camareira principal, a Tara, esticou a cabeça para o corredor.

— Está tudo bem, West?

— Está — menti.

— Está bem — disse ela numa voz arrastada antes de voltar a desaparecer dentro do quarto.

Ouvi um grito abafado vindo do interior do quarto da Indya antes de ela abrir a porta a esfregar o cotovelo.

— Bateste com o braço? — perguntei.

— Bati. Tropecei na minha mala.

Por um instante, a familiaridade do momento fez-me esquecer todas as outras tretas. Estávamos simplesmente a ser nós.

A Indya, a magoar-se sozinha, porque não havia uma alma na terra com tanta falta de jeito a correr-lhe nas veias.

E eu, sempre alguns segundos tarde demais e nunca suficientemente rápido para lhe amparar a queda.

— Olá, West.

— Olá, Indy.

Uma mecha do cabelo loiro encaracolado tinha-lhe escapado do apanhado e ela puxou-a para trás da orelha. Mas soltava-se sempre. O cabelo da Indy nunca ficava quieto, mas ela não deixava de lhe dar luta. Os olhos cor de caramelo tinham-se tornado mais severos ao fim de quatro anos. Tinham menos luz e toda ela parecia... cansada. No entanto, de cada vez que visitava o rancho, estava mais bonita.

Trazia um par de calças pretas largas. A blusa cinzenta sem mangas tinha uma gola alta e estava colada ao tronco, acentuando as curvas dos seios. Senti o aroma de rosas vindo do quarto e, com ele, chegaram as memórias de noites escuras e beijos furtados.

A janela estava aberta e uma aragem voltou a soltar-lhe o caracol, que lhe roçou a fonte.

No passado, eu ter-lhe-ia tirado os alfinetes do cabelo. Teria enterado as mãos naqueles caracóis e ficado fechado naquele quarto com ela durante uma semana.

Mas isso foi antes de me ter roubado o legado.

— Quanto queres pelo rancho? — Cruzei os braços sobre o peito.

A Indy suspirou.

— Não está à venda.

*Foda-se.*

— Quanto? — Se ao menos conseguisse que ela me dissesse um preço, poderia depois encontrar uma forma de chegar lá. Não sabia como, mas haveria de me arranjar.

— West. — A voz dela fez-se mais suave. — Não o vou vender. E se fosse...

Eu não o poderia pagar.

Se ela dissesse um preço, seria astronómico. Seria mais dinheiro do que aquele que eu veria na minha vida inteira.

O meu pai era rico, agora que tinha vendido o rancho.

Mas eu não. Longe disso.

A humilhação deixou-me um rasto quente nas entranhas, mas eu não estava ali para salvar o orgulho. Estava ali para salvar a terra da minha família.

— Vou trabalhar a vida inteira para to pagar. Não nos podes tirar o rancho.

— Não é isso que eu estou a fazer.

— Não é o caraças! — A minha voz ecoou nas paredes.

Ela levantou uma mão.

— Eu sei que hoje foi um choque, mas...

— Um choque — disse eu num tom seco. — Sim, foi um choque. Entro na pousada porque o meu pai me liga a dizer que precisamos de ter uma reunião de emergência e vejo-te lá ao fim de quatro anos, sentada atrás da minha secretária. Sentaste-te na minha cadeira antes de alguém ter tido a decência de me dizer que já não era minha.

— West...

— Esta é a minha casa. Este é o meu sustento. Não te atrevas a tirar-mo das mãos.

O rosto da Indya ficou lívido.

— Já está feito.

Não. Tinha de haver uma forma de dar a volta à situação. Tinha de haver uma forma de recuperar o rancho.

Talvez a única opção que me restava fosse tentar fazer com que ela se afastasse.

Já me estava a detestar pelo que estava prestes a dizer, mas não era a primeira vez que a magoaria. Não era a primeira vez que dizia a mim próprio que era para o bem dela.

— Não pertences aqui, Indya.

Ela estremeceu e o seu olhar baixou para uma mancha invisível no chão.

— Eu sei.

— Revende-mo. Por favor. — Não ia deixar de implorar, não quando se tratava do rancho.

A Indya levantou o queixo. Não havia nada naquele rosto lindo a não ser uma determinação férrea.

— Amanhã de manhã. Oito em ponto. No *meu* escritório. Vou estar à tua espera, bem como do teu pai e do teu irmão. Depois, podemos discutir exatamente quem tem lugar no *meu* rancho.

Recuou, quase tropeçando nos pés descalços. Mas conseguiu segurar-se a tempo e agarrar a porta.

Antes de ma fechar cara.

Atirou a porta com tanta força, que a Tara, inteligente como era, teve a sensatez de não voltar a esticar a cabeça para o corredor.



# UM REGRESSO INESPERADO CAPAZ DE MUDAR TUDO

Indya Keller conheceu West Haven quando era criança e os pais a levaram pela primeira vez a passar férias no rancho do pai dele, no Montana. Durante vários verões, os dois desenvolveram uma amizade, que a seu tempo se transformou em algo mais. Até ao dia em que deixaram de se ver.

Agora, passados alguns anos, Indya regressa ao rancho com uma nova missão: salvar a propriedade da falência e, quem sabe, o futuro de West. Ele pode já não a querer por perto, mas vai ter de admitir que precisa da sua ajuda para proteger o legado da família.

Embora saibam que trabalhar em conjunto e enfrentar velhas memórias possa não ser tarefa fácil, este reencontro forçado será apenas temporário. E poderá até revelar-se uma boa oportunidade para esquecerem os fantasmas do passado.

Mas, para isso, ela terá de se obrigar a não se apaixonar novamente por ele.


• SÉRIE HAVEN RIVER RANCH •



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789895832729



9 789895 832729 >